

**CRIME EM PAU BRASIL**

Vítima era ligada à comunidade pataxó, a mesmo do índio Galdino Jesus dos Santos, morto em Brasília em 1997, e ocupava área retomada de fazendeiros

Gilberto Alves 24.10.01



**LUIZ TITIAH, UM DOS LÍDERES DA RESERVA, DENUNCIOU RECENTEMENTE QUE FAZENDEIROS TINHAM LISTA COM NOMES DE PESSOAS QUE SERIAM MORTAS**

# Morador de aldeia é morto em emboscada

Cristina Ávila  
Da equipe do *Correio*

Um branco casado há mais de 20 anos com uma índia pataxó hã-hã-hãe foi assassinado no interior da Bahia, em uma emboscada, possivelmente por causa de conflitos de terra. A comunidade da reserva Caramuru Catarina Paraguassu, no município de Pau Brasil, passou a noite de ontem e a madrugada de hoje velando Milton Matos Silva, 46 anos, morto com três tiros nas costas. A Polícia Civil baiana já começou a investigar o assassinato, a pedido do Ministério Público Federal.

Desde outubro passado, Milton — considerado como pataxó pela comunidade — e um grupo de índios ocupavam uma fazenda de 100 hectares em Pau Brasil. Eles tomaram conta da área depois de expulsarem fazendeiros. A partir de 1999, os pataxós retomaram 66 fazendas, cerca de 5 mil hectares, que consideram terras tradicionais. De 1982 para cá, 14 índios morreram nos confrontos na região, a cerca de 500

quilômetros de Salvador.

As ameaças de execução de índios em Pau Brasil e municípios vizinhos são constantes. Em outubro, um dos líderes da reserva, Luiz Titiah, esteve em Brasília para denunciar que fazendeiros da região teriam uma lista com 11 nomes de pessoas marcadas para morrer. Entre elas, o vereador Aguinaldo Pataxó, da Câmara de Pau Brasil, o cacique Gerson Pataxó e o chefe do posto da Funai na reserva Caramuru, Alberto Evangelista, que não é índio.

A reserva foi demarcada pelo extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI) há cerca de 80 anos, com 54 mil hectares. Mas há 30 anos todos os pataxós hã-hã-hãe foram expulsos a tiros por invasores. Apenas alguns velhos retornaram e conseguiram permanecer nas terras onde as aldeias foram destruídas. Depois da expulsão, o estado da Bahia distribuiu títulos de propriedades a famílias brancas, em áreas que os índios alegam ser território deles. Desde 1982, tramitam ações na Justiça Federal para anulação desses títulos.

**ONDE FICA**



O assassinato de Milton aconteceu em um momento importante da tramitação das ações judiciais. Ele morreu 23 dias depois que peritos da Fundação Nacional do Índio (Funai) estiveram na área fazendo levantamento do valor de indenizações de benfeitorias dos fazendeiros. O laudo dos peritos será uma peça da ação judicial para a devolução da terra aos índios. Os fazendeiros alegam que têm os títulos de propriedade há mais de 60 anos.

“O assassinato ocorreu depois que a Polícia Federal saiu da região. Os agentes ficaram

dois meses nas aldeias, acompanhando os peritos da Funai”, conta Alda Maria Oliveira, do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) de Itabuna (BA). Ela diz que grupos de até 30 policiais chegaram a permanecer nas aldeias, garantindo o trabalho dos peritos.

O corpo de Milton Silva será enterrado na manhã de hoje na reserva Caramuru. Ele foi morto no dia 2, por volta das 8h30 da manhã, na região chamada Ourinhos, em Pau Brasil. Os índios relataram ao Cimi que ele estava com a mulher, Iraci Trajano, e o filho Beu, quando ouviram um tiro. Todos correram, e somente Milton foi atingido. Ninguém viu quem atirou porque a área tem muita mata.

Entre os 14 índios da estatística da violência contra os pataxós, nos últimos 20 anos, está Galdino Jesus dos Santos, queimado vivo em 1997 em Brasília. Ele foi incluído pelos pataxós na lista porque estava na cidade com uma comissão que buscava na Justiça uma solução para a anulação dos títulos de propriedade.